

EIS QUE FAÇO UMA COISA NOVA: NÃO O NOTAIS? (Isaías)
Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rimini, 27 de abril de 2018

Apontamentos da Introdução de Julián Carrón

«Eis que faço uma coisa nova nova: não o notais?»¹ A capacidade de perceber as coisas pertence à natureza do homem, é parte da sua grandeza, incomparável a nenhuma outra criatura. Infelizmente, muitas vezes prevalece em nós o a obriedade ou a superficialidade. Quem, de entre nós, vendo os rostos pintados por Caravaggio, enquanto ouvíamos o *Fac ut ardeat cor meum* do *Stabat Mater* de Dvorak, não sentiu todo o desejo de ser tomado como aqueles rostos, tão dominados por um conhecimento de Cristo que penetrava até ao coração? Mas – pensamos – como poderemos nós, frágeis como somos, chegar a conhecê-Lo? É por isso que Jesus nos oferece um grande consolo: «Tendes necessidade do Espírito. É o Espírito quem vos conduzirá à verdade plena».² Peçamos então ao Espírito que nos conduza a um conhecimento de Cristo presente no real, na história, que faça arder o nosso coração.

Vinde, Espírito Santo

Começo por ler a mensagem de saudação que o Santo Padre nos enviou: «Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, com o título “Eis que faço uma coisa nova: não o notais?”, Sua Santidade o Papa Francisco dirige-vos o seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele convida a fazer experiência viva de Cristo presente na Igreja e nas vicissitudes da história, mudando a própria vida para poderem renovar o mundo com a força do Evangelho. É a contemplação do rosto de Jesus morto e ressuscitado que recompõe a nossa humanidade, mesmo aquela fragmentada pela dureza da vida, ou aquela marcada pelo pecado. O Santo Padre deseja que os que seguem o carisma do falecido monsenhor Luigi Giussani deem testemunho do amor concreto e poderoso de Deus, que opera realmente na história e determina o seu destino final. E, enquanto pede que rezem em apoio do seu ministério petrino, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e confere-lhe de coração, bem como a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a aos que estão ligados via satélite e a toda a Fraternidade. Do Vaticano, 27 de abril de 2018, cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado de Sua Santidade».

1. A consequência de um deslocamento

Desde a Jornada de início de ano que uma frase de Dom Giussani ficou a martelar dentro de mim: «No início construía-se, procurava-se construir, sobre qualquer coisa que estava a acontecer [...] e que nos tinha revestido. Por mais ingénua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura. Por isso, por a termos abandonado, ficando presos numa posição que foi, diria eu, acima de tudo uma “tradução cultural” mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos – no sentido bíblico do termo – Cristo, nós não conhecemos o mistério de Deus, porque não nos é familiar».³

¹ Is 43,19.

² Cf. Jo 16,13.

³ L. Giussani, *Una strana compagnia*, Bur, Milão 2017, pp. 88-89.

O deslocamento do entusiasmo por uma Presença para uma tradução cultural teve como consequência não termos conhecido a Cristo. E vê-se que não conhecemos a Cristo pelo facto de não nos ser familiar.

Parece-me que não há desafio maior do que o contido nesta provocação: se ao longo do caminho Cristo não se torna mais familiar, haverá cada vez menos interesse por Ele, e tudo aquilo que fizermos será então uma consequência cada vez mais separada da sua origem, como um ramo seco, que nos deixará cada dia mais desiludidos, com um amargo na boca.

O trabalho feito desde o Início de Ano deu a cada um de nós a possibilidade de dar-se conta do caminho que percorreu nestes meses. Como perceber se conhecemos mais a Cristo? Através de que sinais podemos demonstrá-lo?

Dom Giussani deu-nos um critério de verificação para reconhecermos se Cristo entrou verdadeiramente e está a entrar cada vez mais na nossa vida, se se torna cada dia mais familiar. Para perceber isto, basta referir-se a uma experiência elementar que cada um de nós faz: vemos que uma presença, uma pessoa, entrou na nossa vida até ao ponto de se tornar familiar, quando determina a forma como encararmos tudo, como agimos diante das coisas e das circunstâncias. Basta pensarem nos vossos filhos. Pelo contrário, quando não existe essa familiaridade, ou não é suficiente, o ponto de partida continua a ser o de antes: uma determinada impressão das coisas, os esquemas que trazemos connosco. Todos nós podemos comprová-lo.

Não é diferente o que acontece com Cristo. Se, de facto, o acontecimento de Cristo não incide na minha forma de viver, de estar diante do real, das situações e dos desafios quotidianos, se *o acontecimento de Cristo* presente não determina a forma como vivemos as circunstâncias, isto significa que as encaramos como toda a gente, ou seja, a partir da *impressão* que suscitam em nós, e, como toda a gente, acabamos por sufocar numa vida que «nos parte as pernas».⁴ O resultado salta imediatamente à vista: uma vida dominada pelas nossas “impressões” – que cada um pense em como acorda nalgumas manhãs –, em vez de aumentar o entusiasmo por Cristo, torna a fé cada vez mais irrelevante para viver, porque não se vê a pertinência de Cristo às exigências da vida.

Mas se o entusiasmo por Cristo não aumentar cada vez mais, onde vamos procurar a nossa plenitude? Cada um de nós pode olhar para a própria vida e reparar no que é que predomina nela. Uma vez que o nosso coração não pode deixar de desejar, inevitavelmente iremos procurar a realização no que nós fazemos, no nosso «esforço de atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política»,⁵ ou então nas nossas tentativas profissionais. A fé torna-se desta forma apenas uma “premissa” que atiramos para trás das costas. Por isso Dom Giussani nos dizia que «o erro fundamental que podemos cometer [...] é dar por óbvia a fé. Quer dizer: dada a fé, introduzida a fé, muito bem, agora nós fazemos atividades culturais».⁶ Ele não nos dá tréguas nesta chamada de atenção: «Se tudo aquilo que esperarmos não se esgotar totalmente naquilo que nos foi dado, no facto de que nos foi dado», ou seja, no Facto de Cristo, todas as nossas atividades, tudo aquilo que fazemos «torna-se na espera do nosso reino».⁷

A questão que inevitavelmente se coloca é então: mas estas atividades são capazes de nos realizar? A campanha de alarme é aquela sensação de mal-estar que nos assalta graças a um «fazer» que, no fundo, não nos satisfaz.

Mas é precisamente a insatisfação que sentimos quando esperamos a realização a partir do que fazemos que pode tornar-se – se conservarmos uma pobreza última de coração – uma ocasião, a oportunidade de sentir dentro de nós a urgência de voltar ao início, ao entusiasmo por Cristo que nos tinha conquistado.

⁴ C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*, Einaudi, Turim 1947, p. 166.

⁵ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 88.

⁶ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milão 2006, p. 173.

⁷ L. Giussani in A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 406.

Escreve-me um jovem médico, confirmando o facto de que a «urgência de voltar ao início», ao entusiasmo por Cristo, diz respeito à vida de cada um de nós, qualquer que seja a sua idade ou a sua história (podemos ter encontrado o Movimento há um ano atrás e ter menos de trinta anos):

«Caro Julián, nestes meses comecei a perceber o que nos tens dito tantas vezes, quer dizer, que se eu não verificar a pertinência da fé às exigências da vida, ela não poderá resistir, e o primeiro sinal é um ceticismo – não explícito –, diria quase uma dúvida, um “quem sabe”, uma incredulidade em relação ao facto de certas coisas, certas chatices da vida, poderem ser abraçadas e mudadas por Cristo. Comigo aconteceu no trabalho. Sou médico especialista num serviço em que os ritmos de trabalho são exigentes, a competição e as queixas são contínuas, e a maior parte dos colegas não tem quase nada fora do trabalho. Nestes dois anos, na tentativa de fazer bem o meu trabalho, deixei-me absorver demais. Na sequência de duas grandes decepções no trabalho, dei-me conta de quanto o trabalho – pelo menos, como eu o estou a viver – não é capaz de me restituir, em termos de satisfação, nem sequer um pouco do quanto eu lhe dou: é um balanço absolutamente negativo. Este facto levou-me também a pensar no trabalho como aquilo que me rouba o tempo para a minha mulher e para meus amigos, e as queixas aumentaram ainda mais! Ler a Escola de Comunidade, ir à missa, falar com os amigos – mas sem estarmos dispostos a mudar o ponto de vista, querendo só a solução do problema contingente – revelam-se todas tentativas destinadas ao fracasso e deixam-nos cada vez mais cétricos quanto ao facto de Cristo poder mudar algo da relação com o trabalho. Por fim, aconteceu uma coisa. Há cerca de dois meses, de vez em quando, eu vou à missa antes do trabalho; há um grupinho de pessoas do Movimento que vai todas as manhãs e, no fim da missa, tomam um café rápido no bar em frente da igreja: um facto banal e para eles quotidiano. Na primeira manhã em que me juntei a eles, fiquei contente e fiz o trajeto de mota para o trabalho – que, normalmente, é o momento em que me domina a preocupação com tudo o que vou ter de fazer e com todos os compromissos para encaixar – com a leveza de quem acabou de ver uma coisa bonita. Enquanto na maior parte dos meus intervalos no trabalho eu já estou com a cabeça na próxima coisa para fazer, eles naqueles dez minutos estavam ali verdadeiramente, atentos, presentes. Impressionou-me também a atenção comigo, que não os conhecia, mas também com alguns sem-abrigo que andam por ali perto da igreja. Percebi uma série de coisas que me levaram a perguntar-me se não seria realmente possível também para mim estar contente no trabalho. Um pequeno facto reabriu uma brecha nas minhas queixas: uma pergunta que impele a fazer um caminho. Durante um encontro contigo e com alguns jovens trabalhadores, vi acontecer a mesma dinâmica do bar: impressionou-me a tua liberdade perante nós, o teu não teres nada a defender e, aliás, a curiosidade pelo que poderia aparecer entre nós. Os juízos que deste mexeram comigo e têm desmascarado muitas vezes a perspectiva reduzida que tínhamos sobre a realidade. Percebo que um olhar tão livre não pode ser produzido por uma mais perfeita e atenta cultura sobre os textos de Giussani, pela participação num maior número de gestos e assembleias, mas só por uma familiaridade com o Mistério. Por isso observei-te com curiosidade e inveja, e perguntava-me a toda a hora por que razão é que tu respondias às várias provocações de uma forma diferente de como eu teria feito. Vivias numa tensão para me identificar, para tentar perceber como é que tu olhas para as coisas. Foi bonito porque, para mim, no início seguir foi exatamente assim: uma identificação, quase espontânea, que nascia do espanto por uma diferença humana.»

Atenção, para reencontrar o entusiasmo do início não basta um saudosismo, não é suficiente encontrar-se com os amigos para lembrar os velhos tempos. A lembrança de algo que passou não nos devolve o início. Lembrar os bons tempos do namoro não devolve a um casal o entusiasmo perdido nos anos seguintes. Querem uma prova disto? Observem o ceticismo que se insinua na vida de muitos adultos. A única possibilidade é voltar a acontecer agora aquilo que nos inflamou no início.

Sobre qualquer outra tentativa nossa de recuperação do início, Dom Giussani expressou-se de maneira definitiva: «Formulemos a hipótese de que se reúnam hoje algumas pessoas que [...] tendo a lembrança impressionante de um acontecimento pelo qual foram tocadas – que lhes fez bem, que até qualificou sua vida –, queiram retomá-lo, preenchendo uma “descontinuidade” que se foi

criando ao longo dos anos. [...] Se, por exemplo, elas dissessem: “Vamos juntar-nos para formar um grupo de catequese, ou para uma nova iniciativa política, ou, ainda, para desenvolver uma atividade caritativa, para criar uma obra, etc.”, nenhuma dessas respostas seria adequada para vencer a descontinuidade». Não há nada mais claro do que isto: «A continuidade com “o então” só se restabelece pelo reacontecer do mesmo acontecimento, do mesmo impacto agora».⁸ Porque o início é um acontecimento, sempre. E para cobrir a descontinuidade com o início é preciso que volte a acontecer agora o que aconteceu naquela época, é preciso que ocorra o mesmo acontecimento que nos moveu no princípio.

Foi o que nos lembrou o Papa Francisco na Praça de São Pedro: «O carisma não se conserva numa garrafa de água destilada! [...] Dom Giussani não pode reduzir-se a um museu de lembranças [...]. Fidelidade à tradição – dizia Mahler – “significa manter vivo o fogo”».⁹

Só o reacontecer da Sua presença agora é que pode restituir-nos o início. Cristo é um acontecimento presente. E a única esperança para nós é conhecer melhor Cristo, se não quisermos perder o entusiasmo que nos conquistou. É por isso que, desde o Início de Ano, esta frase ficou a martelar na minha cabeça.

2. Ao ficarmos mais velhos, uma desmoralização

Nos primeiros Exercícios da Fraternidade, Dom Giussani dizia-nos exatamente que o nosso inimigo é «a ausência do conhecimento de Cristo». Mas de que tipo de conhecimento se trata? Sendo que para nós o conhecimento é normalmente reduzido a um saber conceptual, Giussani adverte-nos que está a falar do conhecimento tal como o entende a Santa Bíblia: «Conhecimento como familiaridade, como afinidade, como identificação, como presença ao coração». Por isso, mais adiante observa: «É como se não continuasse [depois do encontro] uma familiaridade que se fez sentir [...]. Há um empecilho que é a distância d’Ele, que é como uma não presença d’Ele, um ser que não determina o coração. Nas ações não é assim, nelas pode ser determinante – vamos à igreja, “fazemos” o Movimento, talvez até rezemos as Completas, fazemos Escola de Comunidade, empenhamo-nos na caritativa, vamos fazer grupos daqui e dali e lançamo-nos, catapultamo-nos até na política –. Não falta nas ações: [...] mas no coração? No coração não! Porque o coração é como a pessoa olha as suas crianças, como olha a mulher ou o marido, como olha aquele que passa, como olha as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou então – principalmente – como se levanta de manhã».¹⁰

Não só. A distância entre Cristo e o coração «explica também outra distância, que se revela também num último empecilho nas relações entre nós, no olhar entre nós, porque é só Cristo [...] que pode tornar-nos realmente irmãos»,¹¹ amigos! Quantas vezes falámos disso e o experimentámos na vida: a distância entre o coração e Cristo torna-se distância entre uns e outros, de modo que entre nós domina uma estranheza última, recíproca.

Ora, Jesus pode estar tão distante do coração, que se torna para nós como um estranho: «Se Jesus viesse aqui em silêncio – *softly* – e se sentasse numa cadeira ali, perto daquela, e todos a certa altura nos apercebêssemos, não sei em quantos de nós o espanto, a gratidão, a alegria... não sei em quantos a afeição seria verdadeiramente espontânea, mesmo conservando uma certa consciência de si. [...] Não sei se não nos sentiríamos cobertos por um manto de vergonha [...], se nos déssemos conta naquele momento de que nunca dissemos “Tu” [...], se tentássemos viver seriamente o não total naufrágio do seu Eu pessoal no nosso eu coletivo».¹² Perguntemo-nos: quem de nós hoje disse «Tu»

⁸ L. Giussani, «Qualquer coisa que vem antes», Passos, novembro 2008, nº 10, p. 3.

⁹ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹⁰ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 22-24.

¹¹ *Ibidem*, p. 24.

¹² L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 151.

a Cristo, com aquela familiaridade com que trata as presenças que lhe são verdadeiramente queridas?

Não é que Cristo seja desconhecido à nossa vida, entendamo-nos. «Paradoxalmente – insisto – [é Dom Giussani que insiste] Cristo é precisamente o motivo pelo qual fazemos um tipo de vida que não teríamos feito: e no entanto, está longe do coração!» Ao ficarmos mais velhos, adultos, embora fazendo muitas coisas para o Movimento ou em nome do Movimento, Cristo permaneceu longe do nosso coração, pode não ter ainda penetrado no coração. «Eu não considero, com efeito [continua Dom Giussani], que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha familiarizado mais com Cristo, tenha tornado mais presença para nós aquela ‘grande ausência’ [...]. Não creio.»¹³

O que acontece se o facto de ficarmos mais velhos não torna Cristo mais familiar para nós? Penetra em nós uma desmoralização, «não no sentido banal do termo, mas em relação àquela familiaridade com Deus em que reside a essência da vida do homem».¹⁴ Por isso, se a moralidade é «tender a algo maior do que nós, a desmoralização quer dizer a ausência dessa tensão. Insisto em que, como discursos e até como obras – não como mentira, mas até veridicamente –, esta tensão ressurgue, mas não está em última instância *no coração*. Porque o que está em última instância no coração [...] não tem horas nem tem condições que o impeçam [...]. Assim como o eu não pode suspender o seu viver, igualmente, quando o coração é moral, quando o coração não está desmoralizado, então esse tender para o “mais”, para algo de mais, é como se nunca diminuísse». Não há tréguas, amigos, porque aqui estamos a falar do coração, não das obras. «O problema está realmente no nosso coração».¹⁵

Como contrastar esta desmoralização? Neste momento, Dom Giussani renova o destaque ao valor da amizade entre nós, da nossa companhia, da nossa Fraternidade, esclarecendo a sua tarefa: «A nossa companhia deve, acima de tudo, fazer-nos lutar contra esta desmoralização; ela quer ser o principal instrumento contra esta desmoralização».¹⁶

Mas como é que ela pode ajudar-nos nesta luta, de modo a que Cristo penetre no nosso coração? Vemo-lo com clareza quando acontece.

«Caríssimo Pe. Julián, sou um “retornado” da *Via Sacra* de ontem à noite em Caravaggio, depois de anos de esquecimento total da Sexta-Feira Santa. Sempre tive o alibi do trabalho, por isso faltava tranquilamente a este gesto sem nenhuma dúvida. No fundo, não sentia necessidade dele. Este ano, sabe-se lá por quê, arranjei tempo e percebi que a questão é onde se apoia o meu coração. Foi como voltar à origem de tudo. Nos tempos do Tríduo Pascal dos universitários com Dom Giussani em Caravaggio, foi uma das coisas que me fulminaram, tinha eu vinte anos. E também me “derrubou” ontem, mas com uma dor lancinante, ouvir o coro cantar *Cristo al morir tendea* e a pergunta cheia de sofrimento de Maria: “Vós o deixaríeis por outro amor?” Marcou-me porque não diz “pelo pecado” ou “pelo mal”, mas “por outro amor”. Hoje de manhã, coloquei-me questões que havia décadas já não me colocava, ou que talvez nunca tenha colocado. Perguntei-me por que a Igreja todos os anos nos repropõe a Semana Santa. Quantas vezes deixamos passar este tempo como um gesto que, no fundo, não muda nada em nós, na nossa vida, até porque “já sabemos” e não temos nada para pôr em ordem! Esperamos que passe depressa para nos voltarmos a ocupar de coisas concretas: o trabalho, o dia de pagamento, o marido, os filhos, a casa, o carro, as festas de aniversário, os grupos de Fraternidade (mas em que é que somos irmãos, afinal?), as férias do Movimento ou na praia com os amigos. A Igreja, porém, rompe literalmente o tempo, para reabrir aquela ferida que é a minha humanidade. Porque tu, amiga, marido, mulher, filho e qualquer movimento do meu coração; tu, que és tudo para mim, não viverás para sempre e irás trair-me, e eu irei trair-te e traio-me a mim mesma; tu, a quem eu amo tão profundamente, não és capaz de manter

¹³ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 24-25.

¹⁴ *Ibidem*, p. 30.

¹⁵ *Ibidem*, p. 25-26.

¹⁶ *Ibidem*, p. 26.

a promessa que, no entanto, suscitaste em mim. Então, onde depositar a esperança que o coração não cessa de pedir? Eis o que nos repropõe a Igreja todos os anos: descobrir as feridas de todos os dias e, a partir da Quarta-Feira de Cinzas, reconhecer-nos necessitados de tudo, recolocar-nos na posição mais verdadeira, a mendicância. A resposta não nos é dada, mas impõe-se a um coração mendicante e que corre, numa nova alvorada, no terceiro dia.»

Eis a tarefa da companhia. Por menos do que isto, não valeria a pena permanecer nela. «A nossa companhia», insiste Dom Giussani, «deve descer mais a fundo, mais no fundo, dizer respeito a nós mesmos, deve dizer respeito ao nosso coração»,¹⁷ ela deve introduzir-nos – como diz a Escola de Comunidade –, impelir-nos a «uma relação profundamente pessoal com Ele»,¹⁸ com Cristo.

Mas, chegando a este nível, esclarece Giussani, ao nível do meu reconhecimento de Ti, ó Cristo, ou seja, ao nível do coração, ninguém pode delegar nos outros uma resposta que só pode ser sua: «Esta é uma responsabilidade [como demonstra a carta que acabamos de ler] [...] que não se pode descarregar na companhia. O coração é a única coisa em que é como se não houvesse parceiros [...]. Se se está numa equipa em que cada um tem um papel, um puxa o outro, e assim é no caso do Movimento, nas atividades do Movimento. Aqui não! Por isso, a nossa companhia terá de ser uma estranha companhia: é como uma companhia sobre a qual não se pode descarregar nada».¹⁹

3. Cristo, esperança de realização

Por que é que Giussani insiste tanto assim na necessidade de que Cristo penetre no coração? A razão é simples: sem Cristo, o coração continua insatisfeito. E a experiência mostra-nos que o coração não se pode enganar, porque é objetivo e infalível. Como nos recorda o primeiro capítulo d' *O sentido religioso*, o coração, como critério de juízo, é objetivo: as exigências originais, com efeito, nós encontramos em nós, não podemos manipulá-las, são-nos dadas com a própria vida. Por isso o coração é infalível como critério: as exigências elementares são infalíveis, tanto é verdade que desmascaram constantemente as reduções e as imagens que fazemos daquilo que deveria responder à sede do coração; o sentido de insatisfação que experimentamos perante o caos pessoal ou familiar, mas também perante um sucesso profissional, é um sinal evidente disto.

Nesta insistência de Dom Giussani, podemos encontrar toda a sua estima por nós, a sua paixão por cada um de nós. Ele é mesmo a encarnação de uma companhia verdadeira, a de quem nunca desiste de nos chamar a atenção para a única coisa que pode satisfazer o coração. «A ausência de Cristo», com efeito, «demole e deprime, coloca o humano sob a forma estável de depressão. Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, menos humanidade para o meu coração e o teu coração, menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, menos humanidade no relacionamento do homem com a sua mulher, da mulher com os seus filhos, com [a consequência d']aquele estender-se substitutivo à afeição verdadeira, ao amor real, à caridade, à gratuidade do dom de si, [que é a] pretensão [...] Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, e menos possibilidade de humanidade para [...] todas as pessoas que se amontoam em Teu redor»,²⁰ em nosso redor.

Qual é o contrário da desmoralização do coração e da depressão do humano, que parecem caracterizar o nosso envelhecimento? «O contrário da desmoralização», aquilo de que todos nós precisamos, «é a esperança». Também a nossa amiga nos testemunhava isso. O que Dom Giussani nos diz fica demonstrado de forma impressionante em quem quer que faça uma experiência verdadeira de humanidade, seja leal com o que acontece em sua vida. Mas qual esperança? De que esperança se trata? Da esperança no próprio destino, na própria realização. Mas como é possível,

¹⁷ *Ibidem*, pp. 26-27.

¹⁸ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, p. 233.

¹⁹ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 27.

²⁰ L. Giussani, *Si può vivere così*. Esercizi Spirituali della Fraternità di Comunione e Liberazione, Rimini 28-30 de abril de 1995, supl. a *Litterae Communionis-Tracce*, n. 6, 1995, p. 22.

com todos os erros, os fracassos, as contradições, que se repetem, multiplicam e acumulam? «É só onde Deus falou ao homem que esta esperança existe.» O conteúdo de tal esperança é de facto aquilo «que o anjo disse a Nossa Senhora: “A Deus nada é impossível”. Creio que isto é tudo. O homem novo que Deus veio despertar no mundo é o homem para quem esta afirmação é o coração da vida: “A Deus nada é impossível”; onde Deus não é o “Deus” dos nossos pensamentos, mas é o Deus verdadeiro, o vivo, vivente, aquele que se tornou homem, Cristo».²¹

Recorda-nos a Bíblia: «Eu sou o Senhor, sou o Deus de todas as criaturas. Haverá alguma coisa que me seja impossível?».²² «“A Deus nada é impossível”! Esta frase está então, precisamente, no início da história verdadeira da humanidade, está no início da grande profecia do povo de Israel, está no início da história do povo novo, do mundo novo, no anúncio do anjo a Nossa Senhora, e está no início da ascensão do homem novo, está no início da perspectiva e dos passos do homem novo. [...] Os apóstolos, perante a frase d’Ele: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”, disseram: “Mas quem então poderá entrar no reino dos céus? Quem poderá salvar-se?” E eles não tinham eira nem beira, tinham largado a meia dúzia de coisas que tinham. Jesus respondeu: “Para vós é impossível, mas a Deus nada é impossível”».²³

Este é o fundamento da esperança, da possibilidade de resgate da desmoralização, de resgate da diminuição dessa inclinação do coração àquilo para o qual é feito: Deus tornou-se homem, Cristo. «Um novo homem entrou no mundo e, com ele, um caminho novo»:²⁴ o impossível tornou-se possível. O manifesto da Páscoa chama a atenção para isso de modo comovente: «Desde o dia em que Pedro e João correram para o sepulcro vazio e depois O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo se pode mudar. Desde então e para sempre, um homem pode mudar, pode viver, pode reviver. A presença de Jesus de Nazaré é como a seiva que, a partir de dentro – misteriosamente, mas certamente – torna verde outra vez a nossa aridez e torna possível o impossível: aquilo que não é possível para nós, não é impossível para Deus. De tal forma que, uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, se torna visível através da companhia daqueles que O reconhecem presente, Deus-connosco. Apenas insinuada humanidade, nova, como o tornar-se verde outra vez da natureza amarga e árida».²⁵

Amigos, temos então de pedir ao Espírito a simplicidade de reconhecer Cristo, de «levantar o olhar de nós mesmos para essa Presença»²⁶ que veio ao nosso encontro, e de deixar que ela penetre no nosso coração, como a alvorada de um novo dia.

Só precisamos de uma simplicidade. «Tudo se remete a ter um coração de criança». O que significa isto? «Levantar o rosto dos próprios problemas, dos projetos, dos próprios defeitos, dos defeitos dos outros, para olhar para Cristo ressuscitado. “Levantar o olhar de si para aquela Presença.” É como se tivesse de passar um vento para varrer para longe tudo o que somos; então o coração fica ou volta a ficar livre, e continua a viver na carne, ou seja, erra como antes [...], mas é como se uma outra coisa tivesse entrado no mundo. Um novo homem entrou no mundo, e, com ele, um caminho novo. “Eis que se abriu um caminho no deserto: não o vedes?” No deserto do mundo abre-se um caminho, ou seja, abre-se a possibilidade de “obras”, mas principalmente de uma obra. “Obras” são a expressão do humano; “obra” é um humano novo, uma companhia humana nova.»²⁷

Não há outra possibilidade para reencontrar o entusiasmo do início que possamos ter perdido: «Sem esta simplicidade, sem esta pobreza, sem termos a capacidade de levantar o olhar de nós mesmos para aquela Presença, é impossível uma companhia que remova de si aquele empecilho último, [...] que se torne verdadeiramente uma ajuda para o caminho até ao destino [...]. É preciso

²¹ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 28.

²² Jr 32,27.

²³ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 29.

²⁴ *Ibidem*, p. 34.

²⁵ L. Giussani, *Comunhão e Libertação*, Manifesto da Páscoa, 2018.

²⁶ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 35.

²⁷ *Ibidem*, pp. 34-35.

levantar o olhar de mim para essa Presença, para a presença de Cristo».²⁸ Levantar o olhar de nós mesmos para voltá-lo à Presença d'Ele é a única possibilidade para vivermos a própria vida ganhando-a e para salvarmos a companhia, superando aquele empecilho último entre nós de que falava Dom Giussani.

Só Cristo é capaz de responder à espera que nos trouxe aqui, como escreve uma de vocês: «Estou à espera dos Exercícios como nunca aconteceu na minha vida!», para citar uma das muitas mensagens que chegaram, cheias desta espera.

No auge da crise de 68, Giussani dizia aos amigos do Centro Péguy: «É muito necessário que um período termine e que outro comece: o definitivo, o maduro, aquele que pode aguentar o choque do tempo, aliás, o choque de toda a história, porque aquele anúncio que começou por impressionar duas pessoas (primeiro capítulo de São João), João e André, há dois mil anos, aquele anúncio, aquela pessoa, é tal e qual o fenómeno que nos atraiu aqui e é o fenómeno que pode fazer com que permaneçamos na Igreja de Deus».²⁹

Peçamos a Cristo que nestes dias faça o nosso coração vibrar de afeição por Ele: é a única possibilidade para O conhecermos realmente, de uma forma que não seja conceptual ou intelectual. Identifiquemo-nos então com a invocação que Dom Giussani foi buscar ao *Stabat Mater* atribuído a Jacopodi da Todi, enquanto comenta a versão musical de Dvorak: *Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum ut sibi complaceam* (faz com que meu coração arda de amor por Cristo Deus para que possa agradá-Lo). «Faz com que tudo arda em mim! Tudo, tudo até o último fio de cabelo. Faz com que tudo arda em mim, indigno mas feito para cantar: “Te adoro, Redentor”. Que liberdade, que ardor de reconhecimento!»³⁰

Como viram ao entrar no salão, este ano pensámos em propor, em cada entrada, uma breve citação de Dom Giussani relativa ao trecho musical que estamos a ouvir, como ajuda para nos identificarmos mais com o que está a acontecer. Os trechos musicais que propomos, como sabem, não são casuais: Dom Giussani introduziu-nos com o tempo a cada um deles justamente pela potência que podem ter ao nos facilitarem o silêncio. Quem observou as imagens de Caravaggio enquanto ouvia o *Fac ut ardeat* terá feito experiência disso. Não é a mesma coisa estarmos distraídos ou usarmos o telemóvel em vez de nos deixarmos levar pelo que está à nossa frente: o prestar atenção é para não reduzir o alcance do que está a acontecer.

Vamos pegar, por exemplo, no que Dom Giussani nos disse de uma obra de Mozart, a *Grande Missa em dó menor*, que tantas vezes ouvimos durante os nossos gestos: «Este lindo canto ajuda-nos a recolher-nos num silêncio agradecido, de modo que pode nascer no coração, pode desabrochar no coração a flor do “sim” pelo qual o homem consegue agir, consegue tornar-se colaborador do Criador [...]: amante do Criador. Assim como foi para Nossa Senhora [...]: uma relação sem fim preenchia o seu coração e o seu tempo. Se a intensidade religiosa da música de Mozart – uma genialidade que é dom do Espírito – penetrasse no nosso coração, na nossa vida, com todas as suas irrequietações, contradições e dificuldades, seria bela como a sua música».³¹

Eu, com vocês, desejo deixar-me educar cada vez mais pelo carisma a viver o silêncio, *este* silêncio, que é o «sermos preenchidos no coração e na mente pelas coisas mais importantes», pela Presença mais decisiva para a vida. «O silêncio [...] coincide com o que nós chamamos de memória.» Nestes dias que vamos viver juntos, «a memória será favorecida pela música que vamos

²⁸ *Ibidem*, p. 35.

²⁹ L. Giussani in A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, op. cit., pp. 427-428.

³⁰ L. Giussani, «La festa della fede», in *Spirto Gentil. Un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organização de S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011, p. 289.

³¹ L. Giussani, «Il divino incarnato», in *Spirto Gentil...*, op. cit., p. 55.

ouvir ou pelos quadros que vamos ver [nos ecrãs]; assim nos disporemos a olhar, a ouvir, a sentir com a mente e com o coração o que de alguma forma Deus nos vai propor»,³² para nos deixarmos levar, tomar por Ele.

Todas as tentativas que fazemos – a escolha de uma determinada música, dos cantos e das imagens – são para aprendermos a dar espaço a um Outro, que ademais é a única grande razão que pode ter-nos trazido aqui hoje.

Peço-vos, por isso, uma atenção particular ao silêncio nestes dias, nos trajetos desde os hotéis, à entrada e à saída dos salões. O gesto que vamos viver depende muito do contributo de cada um de nós: peço, por mim e por todos nós, que não desperdicemos esta ocasião.

(© 2018 Fraternidade de Comunhão e Libertação)

³² L. Giussani, *Dare la vita per l'opera di un Altro*, Esercizi Spirituali della Fraternità di Comunione e Liberazione, Rimini 8-10 de maio de 1992; supl. a *CL-Litterae Communionis*, n. 6, 1992, p. 5.